



Johansson: "As empresas finlandesas desejam crescer e precisam de novos mercados para isso, ao passo que o Brasil, como provedor deste espaço, também desfruta de grandes oportunidades"

BRASIL E FINLÂNDIA RUMO À LIDERANÇA EM BIOECONOMIA

Reconhecida mundialmente pelo caráter inovador, a Finlândia ocupa hoje a posição de quarto país mais competitivo do mundo na lista do Fórum Econômico Mundial. A conquista não é momentânea nem tampouco foi imediata: há anos essa nação, de poucos recursos naturais, investe pesadamente em conhecimento, como atesta o atual nível de investimento em pesquisa, que gira em torno de 4% do PIB.

Já o Brasil se destaca pela situação inversa: com abundantes recursos naturais, o País se conscientizou recentemente de que o fortalecimento da competitividade se dá pela inovação e, então, passou a lutar contra a realidade dos baixos investimentos em pesquisa. Atualmente, os números ainda se situam na margem de 1% do PIB nacional.

Apesar de o paradoxo e a disparidade entre os dois países chamarem a atenção à primeira vista, Brasil e Finlândia têm muito em comum: em ambos os países a bioenergia representa boa parcela da matriz energética e há potencial para se tornarem líderes globais no admirável mercado da bioeconomia.

Atentos às oportunidades, líderes finlandeses visitaram o Brasil em fevereiro último para ressaltar o interesse em estreitar laços comerciais e fechar novos negócios em prol da bioeconomia.

"Hoje temos 50 empresas finlandesas no Brasil e outras 250 com representação local, além de parcerias com institutos e universidades. Uma visão abrangente dos últimos acontecimentos da economia demonstra oportunidades significativas às pequenas e médias empresas num panorama tecnológico. Portanto, é possível aumentar esses números de forma significativa", afirmou Ole Johansson, presidente da Confederação das Indústrias da Finlândia, durante o encontro com representantes brasileiros.

Falando especificamente do potencial da indústria florestal finlandesa, Johansson destacou a liderança do país em tecnologia. O know how, segundo frisou ele, serve como plataforma para a inclusão de inúmeros negócios baseados na indústria florestal, que se torna um dos pilares das atividades da nação. Em Entrevista à **O Papel**, o executivo detalhou o formato da atual indústria do país e elencou pontos chave para que a parceria almejada com o Brasil seja uma aliança de sucesso.

O Papel – Qual é a atual estrutura da indústria finlandesa? As florestas ainda formam a base da indústria nacional?

Ole Johansson – A Finlândia tem longa tradição na indústria florestal, que funciona como base para muitos outros setores, como o de tecnologia, o maior exportador, representando 49% dos produtos embarcados ao exterior em 2010. Grande parte dos players que formam a indústria de tecnologia se baseia na indústria florestal, fabricando, por exemplo, máquinas de papel e equipamentos industriais voltados ao setor florestal. Nesse sentido, eu diria que as florestas ainda têm um significado muito importante para a nossa sociedade.

O Papel – Qual é o perfil das empresas que representam a indústria papelreira da Finlândia?

Johansson – Temos um bom mix de empresas, que são de diferentes portes. Entre os gigantes da indústria de base florestal finlandesa, posso citar a Neste Oil, a Stora Enso e a UPM, líderes globais em seus segmentos. Temos ainda os fornecedores de tecnologia e equipamentos ao setor papelreiro, que também despontam entre os líderes globais nessa área. Além disso, companhias de menor porte se destacam pelo caráter inovador com o fornecimento de produtos de base. Acredito que essas empresas finlandesas de pequeno e médio portes têm capacidade de fazer diferença à indústria nacional, justamente devido à inovação e à gama de possibilidades da qual desfrutam. No todo, portanto, a Finlândia tem uma mescla variada de empresas.

O Papel – Quais são os principais desafios enfrentados pela indústria florestal finlandesa atualmente e como os players do setor têm lidado com esses entraves?

Johansson – De modo geral, temos dois desafios relacionados à indústria de base florestal. O primeiro deles é a distância: nossos principais mercados estão longe da nossa costa logística. O outro está na produção de matéria-prima. No Brasil, o eucalipto cresce e é abatido em sete anos; na Finlândia, esse ciclo é muito mais longo, em média entre 30 e 40 anos. Creio, portanto, que a indústria finlandesa tem esses dois desafios a enfrentar: distância e recursos naturais. Além disso, o padrão de vida na Finlândia é muito alto. Temos uma sociedade de alto custo, o que significa que as empresas finlandesas – entre as quais os players florestais – têm de buscar o desenvolvimento de produtos de alto valor agregado, a fim de serem competitivas em relação aos produtos convencionais. Esse processo de diferenciação se dá por meio da área de Pesquisa e Desenvolvimento. Para isso, temos o cluster da indústria florestal, formado por empresas florestais, universidades, institutos de pesquisa e governo – todos com a meta de chegar a produtos de maior valor agregado e desenvolver outros totalmente inovadores. Antes de 2030, a ambição desse cluster é atingir o dobro

da renda atual proveniente da indústria florestal finlandesa. Gostaria de frisar que o objetivo é duplicar o valor da produção financeiramente, o que não significa aumentá-la em toneladas. Para dobrar o rendimento financeiro, o único caminho é elevar o valor agregado dos produtos e oferecer novas opções ao consumidor.

O Papel – Na sua opinião, a área de Pesquisa e Desenvolvimento tem papel de destaque no desenvolvimento e no fortalecimento da indústria de um país?

Johansson – Sim, certamente. Hoje em dia, a competitividade global está muito acirrada. Os vencedores dessa competição serão os países que desenvolverem suas indústrias de maneira sustentável. Não há alternativa: nós, a sociedade como um todo, temos de nos desenvolver de modo sustentável, e a área de Pesquisa e Desenvolvimento é a chave para alcançar esse objetivo. Sem pesquisas, nenhuma indústria é capaz de desenvolver novas tecnologias para conquistar o desenvolvimento sustentável tão necessário atualmente. É por isso que o nível de investimento em pesquisa da Finlândia é globalmente alto (corresponde a 4% do PIB).

O Papel – De que forma a indústria finlandesa enxerga a indústria brasileira? Qual é o potencial de países em desenvolvimento como o Brasil quanto à capacidade de geração e aplicação de biotecnologias, principalmente no setor de celulose e papel?

Johansson – Nossa missão ao Brasil demonstra claramente que há muito potencial de desenvolvimento na cooperação mútua. A missão mostra que existe um forte potencial particularmente na área de pesquisa, com a cooperação técnica entre universidades e institutos de pesquisa para o desenvolvimento de novos produtos. A Stora Enso vale como bom exemplo de empresa que já vem desenrolando esse diálogo e tem parceiros consolidados. Além da área de pesquisa, porém, muitas outras áreas foram mencionadas durante a viagem e podem render excelentes parcerias entre os dois países. A importância da nossa missão é essa nova conversa, esse networking entre os players para consolidar inúmeras parcerias.

O Papel – Quais benefícios essas parcerias resultariam para cada país?

Johansson – As parcerias são verdadeiramente vantajosas para as duas nações. Os centros de pesquisa finlandeses são reconhecidos pelo mundo todo e podem trazer diversos benefícios ao desenvolvimento da indústria brasileira. Já para as empresas finlandesas, é interessante aliar os recursos disponíveis no Brasil para explorar seu know how no mercado brasileiro. Em resumo, as empresas finlandesas desejam crescer e precisam de novos mercados para isso, ao passo que o Brasil, como provedor desse espaço, também desfruta de grandes oportunidades. ■

Líderes finlandeses visitaram o Brasil para ressaltar o interesse em estreitar laços comerciais e fechar novos negócios em prol da bioeconomia